

**Encruzilhadas de Memória:
destacando a memória negra na paisagem urbana do Bixiga em São Paulo**

BEATRIZ SILVA SANTANA; GISELLY BARROS RODRIGUES

**ET4: DIMENSÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO
DA PAISAGEM**

RESUMO

O artigo apresenta um recorte do plano urbano-paisagístico afroreferenciado desenvolvido para o Bixiga, bairro marcado por sobreposições temporais, presenças negras e disputas de memória. O objetivo é discutir estratégias projetuais capazes de reinscrever memórias negras na paisagem contemporânea, articulando princípios afrodiaspóricos (como circularidade, tempo espiralar e encruzilhadas) ao desenho dos espaços livres. A metodologia integra levantamento histórico, cartografia social, visitas de campo, escuta ativa de moradores e coletivos, identificação de territórios negros e elaboração de diretrizes baseadas em epistemologias decoloniais. Os resultados mapearam 15 territorialidades negras, com destaque ao sítio arqueológico do Quilombo Saracura, reconectando a história urbana com as memórias e o legado da comunidade negra. A partir desse processo, foram estruturados eixos-encruzilhadas que conectam práticas culturais, marcos simbólicos e áreas de intervenção, orientando a criação de percursos e espaços de fruição. O artigo discute especialmente o Eixo-Encruzilhada Fruição, que incorpora expografia educativa, vegetação etnobotânica e qualificação dos espaços livres como forma de fortalecer vínculos territoriais. Conclui-se que estratégias projetuais sensíveis às histórias e práticas locais ampliam possibilidades de pertencimento e contribuem para uma cidade mais plural, na qual a memória negra se expressa como componente ativo da paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem urbana; territórios negros; memória negra; encruzilhadas; plano urbano-paisagístico

ABSTRACT

This article presents an excerpt of the Afro-referenced urban-landscape plan developed for Bixiga, a neighborhood characterized by temporal layers, Black presences, and memory disputes. The objective is to discuss design strategies capable of reinscribing Black memories into the contemporary landscape, articulating Afrodiasporic principles (such as circularity, spiral time, and crossroads) with the design of open spaces. The methodology combines historical research, social mapping, field visits, active listening with residents and local collectives, identification of Black territories, and the development of guidelines grounded in decolonial epistemologies. The results mapped 15 Black territorialities, highlighting the archaeological site of the Quilombo Saracura, reconnecting urban history with the memories and legacy of the Black community. Based on this process, crossroads-axes were structured to connect cultural practices, symbolic landmarks, and areas of intervention, guiding the creation of pedestrian routes and spaces of public enjoyment. The article focuses particularly on the Fruição Crossroads-Axis, which incorporates educational exhibition elements, ethnobotanical vegetation, and the enhancement of open spaces as a way to strengthen territorial bonds. The study concludes that design strategies attentive to local histories and practices expand possibilities for belonging and contribute to a more plural city, in which Black memory is expressed as an active component of the landscape.

KEYWORDS: urban landscape; black territories; black memory; crossroads; urban-landscape plan.

1 INTRODUÇÃO

O Bixiga constitui uma das paisagens culturais mais complexas e simbólicas de São Paulo, marcado por sobreposições de tempos, fluxos migratórios, lutas sociais e disputas de memória. Embora frequentemente associado à imigração italiana e às festas tradicionais que marcam o bairro, sua formação é indissociável da presença negra e nordestina. Desde o século XIX, a região acolheu populações negras libertas e recém-libertas que buscaram refúgio e possibilidades de vida nos vales dos rios Saracura e Anhangabaú, áreas então marginais ao tecido urbano formal e propícias à constituição de redes comunitárias, práticas culturais e formas de organização coletiva. Esses territórios de vida e resistência estruturaram sociabilidades que continuam a reverberar no presente.

A presença negra no Bixiga se manifesta como força que moldou espacialidades, produziu práticas urbanas próprias e deixou marcas materiais e imateriais na paisagem. Quilombo urbano, comunidades negras e redes de apoio mútuo se estabeleceram na região, articulando modos de vida que contrastavam com os processos segregadores dominantes. A formação do Quilombo Saracura, em especial, constitui um marco para a compreensão do bairro enquanto território negro — um espaço que abrigou corpos, memórias e práticas culturais persistentes mesmo diante de sucessivas tentativas de apagamento (Rodrigues, 2025).

Essas tentativas de apagamento não foram apenas físicas, mas também simbólicas e narrativas. O urbanismo moderno, as obras de “renovação” urbana e a produção de uma história oficial centrada em determinados grupos contribuíram para reduzir a importância da população negra para a constituição da cidade. No entanto, as presenças persistem: nos sambas, terreiros, grupos culturais, coletivos, festas, práticas religiosas, moradias e nos rastros cotidianos inscritos na paisagem. As memórias negras do Bixiga, apesar de muitas vezes silenciadas, seguem sustentando vínculos de pertencimento e configurando um patrimônio vivo e indispensável à compreensão da cidade.

Ao tomar essas memórias como centrais reconhecemos que a paisagem é também um arquivo vivo, onde temporalidades se sobrepõem e onde a presença negra produz sentidos, afetos e espacialidades. A memória, nesse contexto, é um instrumento político e projetual. Ela revela os conflitos entre território e narrativa, evidencia desigualdades estruturais e aponta para a necessidade de reinscrever histórias marginalizadas no projeto urbano. Como observa Chimamanda Adichie (2019), as histórias podem ser usadas para empoderar e restaurar dignidades, e é nesse horizonte que se insere a presente discussão.

A partir da cartografia das presenças e memórias negras do Bixiga, incluindo manifestações culturais, práticas religiosas, territorialidades diaspóricas, espaços de sociabilidade e marcos históricos, foram identificadas quinze territorialidades negras, com ênfase no sítio arqueológico do Quilombo Saracura, promovendo a reconexão entre a história urbana e as memórias e o legado da comunidade negra.

A partir disso, emergiu a necessidade de compreender o bairro a partir de epistemologias afrocentradas e decoloniais que desloquem o olhar tradicional do urbanismo. Essas epistemologias permitem reconhecer que o espaço urbano não é neutro, mas atravessado por disputas e narrativas que conferem sentido às práticas territoriais. Assim, a paisagem pode ser compreendida como campo de resistência, reafirmação de identidades territoriais e construção de futuros.

Nesse sentido, o Trabalho de Conclusão de Curso “Saracura Vive: memórias negras, territórios e paisagens nas encruzilhadas urbanas do Bixiga” desenvolveu um plano urbano-paisagístico que busca materializar as memórias negras no espaço físico do bairro, valorizando identidades,

ancestralidades e modos de vida historicamente invisibilizados. O projeto se fundamenta em princípios afrodiaspóricos, como a circularidade, o tempo espiralar e a centralidade das encruzilhadas, que rompem com noções lineares de tempo e de produção do espaço, articulando passado, presente e futuro na construção de novas possibilidades urbanas.

A partir desse trabalho maior, este artigo recorta e aprofunda exclusivamente o plano urbano-paisagístico desenvolvido para os espaços livres do Bixiga — incluindo ruas, calçadas, canteiros, baixios de viaduto, lotes privados subutilizados e áreas residuais que não cumprem sua função social. O foco está nas intervenções que buscam fortalecer a memória negra no território por meio da qualificação da paisagem, da ampliação da infraestrutura verde, da valorização da etnobotânica afro-brasileira e da criação de percursos temáticos baseados em eixos-encruzilhadas inspirados na epistemologia afrodiaspórica de Leda Maria Martins e nas noções de circularidade propostas por Nêgo Bispo.

Esses eixos-encruzilhadas operam como dispositivos de leitura e de projeto, conectando territórios negros mapeados, práticas culturais, marcos simbólicos e áreas de intervenção. Por meio deles, o bairro é compreendido como uma grande encruzilhada — um espaço de encontros, sobreposições e reinvenções — onde a paisagem pode atuar como mediadora das relações entre memória e cotidiano, entre ancestralidade e cidade, entre passado e futuros possíveis. A proposta projeta caminhos que não seguem hierarquias rígidas nem percursos lineares, mas que se articulam em redes espirais capazes de revelar múltiplas camadas da experiência negra no Bixiga.

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir parte das estratégias projetuais do plano urbano-paisagístico, evidenciando como princípios decoloniais e afrocentrados podem orientar a requalificação de espaços livres urbanos e contribuir para a reinscrição da memória negra na paisagem contemporânea. Pretende-se demonstrar que o projeto da paisagem, quando sensível às histórias e práticas do território, pode se tornar instrumento de justiça espacial, reparação simbólica e fortalecimento identitário.

A metodologia adotada articula diferentes frentes: (1) levantamento histórico e bibliográfico sobre o território e suas presenças negras; (2) mapeamento de espaços livres públicos e privados que não cumprem a função social; (3) cartografia social e leituras etnográficas a partir de visitas de campo; (4) escuta ativa de moradores, coletivos, grupos culturais e religiosos do bairro; (5) identificação e categorização dos territórios negros; (6) desenvolvimento de diretrizes projetuais baseadas em epistemologias afrodiaspóricas; e (7) elaboração de um conjunto de intervenções estruturadas em eixos-encruzilhadas que orientam a materialização da memória na paisagem.

Com base nesse percurso metodológico, este artigo apresenta parte dessas diretrizes e discute suas implicações para a paisagem do Bixiga, argumentando que a incorporação da memória negra no projeto urbano-paisagístico é possível e fundamental para a construção de cidades mais plurais, sensíveis, inclusivas e comprometidas com sua própria história.

2 PROJETO: PLANO URBANO-PAISAGÍSTICO AFROREFERENCIADO E DECOLONIAL

Ao longo do diagnóstico territorial, identificou-se a necessidade de qualificar o sistema de espaços livres e a infraestrutura verde e urbana do Bixiga. Nesse sentido, foram levantados lotes que não cumprem a função social da propriedade, (considerado aqui como, lotes não edificadas, subutilizados ou com uso apenas para estacionamento). Esses apresentam potencial para ampliar a infraestrutura verde e criar espaços livres com funções educacionais e socioambientais. Compreendeu-se também a importância da articulação entre poder público,

setor privado e sociedade civil para o desenvolvimento, implantação e manutenção desses espaços. Como aponta Rodrigues (2018), a construção de uma cidade mais aberta, inclusiva e democrática depende justamente dessa colaboração em torno dos interesses coletivos.

O ato projetual se apresenta como um Plano Urbano-Paisagístico afrorreferenciado e decolonial que nasce da necessidade de reconhecer e valorizar a centralidade das populações negras na construção material e simbólica dos territórios urbanos brasileiros. Reconhecer a estrutura vigente que exclui determinados grupos, é essencial para pensar práticas urbanas que confrontem padrões de invisibilização e epistemicídio, que se materializam na paisagem e no planejamento urbano.

Assim, o projeto busca construir um caminho metodológico capaz de reposicionar a experiência negra como referência na elaboração de um plano urbano-paisagístico que seja, ao mesmo tempo, reparador, insurgente e comprometido com a justiça socioespacial. Nesse sentido, o plano é estruturado em percursos sem uma definição de início, meio ou fim, fundamentado no conceito de tempo espiralar de Leda Maria Martins. Segundo Martins (2021), a ancestralidade opera em um tempo curvo, que retorna, se recompõe e se transforma continuamente, criando um “tempo espiralar” que não separa passado, presente e futuro, diferentemente da lógica linear idealizada pelo episteme europeu.

A proposta de um percurso não linear também dialoga com Nêgo Bispo e sua noção de começo, meio e começo, que evidencia a circularidade da vida e a compreensão de que a ancestralidade não está apenas no passado, mas se refaz incessantemente no presente e no futuro. De acordo com Santos (2023), os povos afro-diaspóricos se definem pela trajetória e pela circularidade da vida, compreendida como um movimento contínuo de “começo, meio e começo”, no qual não existe um fim definitivo, mas um fluxo permanente de existência e reinvenção.

Dessa forma, o percurso opera como um fio que entrelaça passado, presente e futuro, constituindo uma teia que conecta humanos e não-humanos e suas relações, ultrapassando fronteiras de espaço e tempo na criação de novos futuros possíveis. O movimento da circularidade afrodiaspórica proposto no projeto configura-se, assim, como uma ação contra-hegemônica e contracolonialista, capaz de tensionar narrativas lineares e instaurar modos outros de existência e leitura da paisagem urbana.

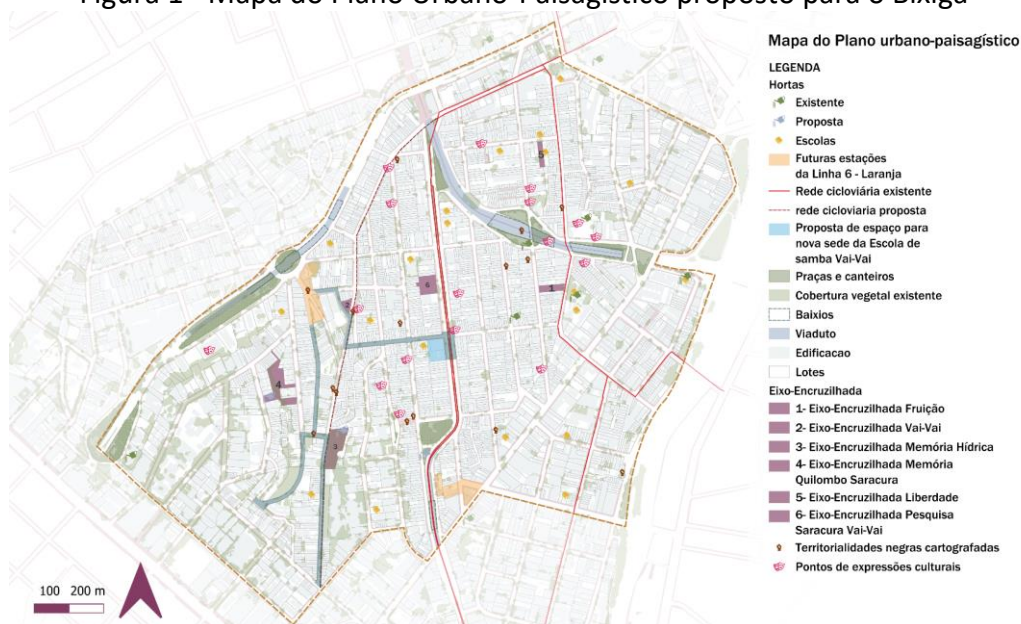
O nosso movimento é o movimento da transfluência. Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui. A ordem pode ser qualquer uma. Para nós, o conteúdo determina a forma e a forma determina o conteúdo (Santos, 2023 p. 30).

A proposta converge territórios negros, intervenções e ruas, permitindo múltiplos caminhos pelas encruzilhadas urbanas do Bixiga. Esses percursos, sinalizados nos espaços públicos e livres, constituem uma conexão espiralar entre temporalidades e poderão reforçar o sentimento de pertencimento da comunidade. O plano urbano-paisagístico foi organizado em quatro esferas: territórios negros cartografados; ruas; Eixos-encruzilhadas e áreas residuais, articulados por uma comunicação visual unificada. Nesse movimento, o projeto reconhece a cidade como um dispositivo pedagógico, no qual narrativas, memórias e disputas simbólicas se atualizam continuamente; por isso, suas ações não se restringem à intervenção física, mas também atuam no campo sensível e epistemológico, propondo modos de ver, sentir e habitar o território a partir de referenciais e epistemologias negras, valorizando ancestralidades, práticas culturais e formas comunitárias de organização.

A noção de “encruzilhada”, inspirada em Martins (2020), orienta o entendimento do território como espaço-tempo sagrado de encontro, transformação e reinscrição de saberes afro-brasileiros. Enquanto princípio epistemológico afrodiaspórico, a encruzilhada configura um cosmograma circular, marcado pelo trânsito, pela improvisação e pela lógica espiralar e performativa, contrastando com a linearidade ocidental. Esse referencial informa os Eixos-Encruzilhadas, conectados aos territórios negros e pontos de cultura mapeados por meio de uma linguagem unificada de pavimentação e materiais que opera como elemento de continuidade simbólica e espacial.

As diretrizes propostas incluem a ampliação de áreas verdes, o fortalecimento da arborização e da etnobotânica, a criação e valorização de hortas urbanas e a reativação da memória hídrica por meio de espaços de contato com a água. O tratamento integrado dos espaços livres — públicos e privados, como lotes ociosos, baixios de viadutos, calçadas, ruas e vias compartilhadas — prioriza a caminhada e articula soluções de mobilidade ativa, como ciclovias e ciclofaixas. A partir das análises territoriais, das articulações comunitárias e da busca pela materialização das memórias negras, consolidou-se o Plano Urbano-Paisagístico apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Mapa do Plano Urbano-Paisagístico proposto para o Bixiga



Fonte: Santana (2025).

Cada espaço aciona uma memória, uma narrativa e uma forma específica de relação com o território. A teia espiralar evoca um movimento contínuo de retorno e avanço, no qual o passado não é apenas rememorado, mas reativado como força presente e estruturante. Nessa perspectiva, o projeto paisagístico preserva a memória negra no Bixiga e a mantém operante por meio de práticas que reforçam uma memória viva. Para cada intervenção em lotes e no espaço público, define-se um programa de necessidades articulado ao contexto imediato, garantindo que as soluções propostas dialoguem diretamente com as dinâmicas e demandas locais. Neste artigo apresentaremos a proposta do espaço que intitulamos “Eixo-Encruzilhada Fruição”.

2.1 Eixo-Encruzilhada Fruição

O Eixo-encruzilhada Fruição propõe uma conexão simbólica e contínua entre as ruas Humaitá e Major Diogo (Figura 2), transformando o atual estacionamento em um percurso para pedestres marcado por uma cobertura-pérgola trançada em sisal e ancorada nas empenas cegas existentes, inspirada nas tranças nagô. Para além do aspecto formal, o trançado remete a significados culturais associados às tranças, que, conforme Ventura (2023), durante a diáspora africana na costa caribenha do Novo Reino de Granada, eram utilizadas para codificar rotas, orientar deslocamentos e comunicar identidades e linhagens.

Figura 2 - Mapa com a localização do Eixo-Encruzilhada Fruição



Fonte: Santana (2025).

No projeto, essa referência orienta a criação de um percurso que articula fruição e ancestralidade ao estabelecer uma passagem contínua no lote que se abre para ambas as ruas. O trançado da cobertura funciona como elemento de integração simbólica, evocando saberes ancestrais e sugerindo a elaboração de novos caminhos no território. Essa lógica orienta também a intenção de promover fruição pública ampliando a qualificação dos espaços livres do Bixiga.

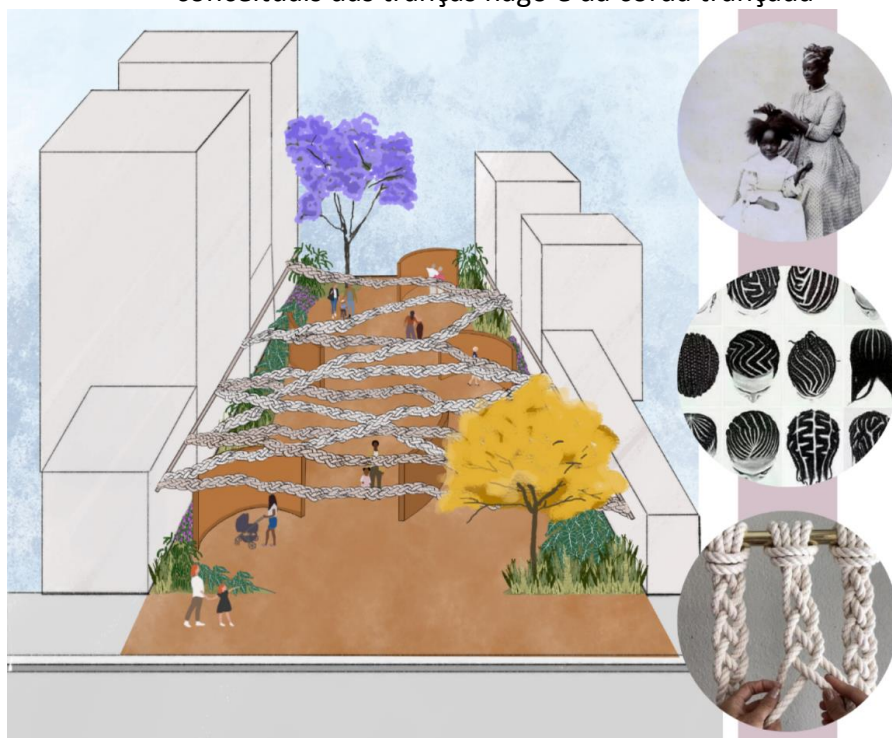
A proposta considera o lote totalmente aberto, sem barreira, favorecendo a permeabilidade visual e física, estimulando a criação de pequenas praças e espaços de encontro. Assim, o desenho do percurso e o gesto do trançado se estendem para além do lote específico, contribuindo para a abertura e conexão entre fragmentos urbanos e fortalecendo uma rede de espaços livres de uso coletivo que reforçam a presença e a memória negra no território.

Em São Paulo, Rodrigues (2018) explica que, a partir do Plano Diretor Estratégico de 2014, foi instituído o instrumento de fruição pública, voltado à qualificação urbana. Ao ampliar a oferta de espaços de uso público livres nos eixos de estruturação urbana — articulando-os a usos mistos e fachadas ativas — essa política cria condições mais favoráveis para o caminhar na cidade, estimulando deslocamentos a pé mais seguros, dinâmicos e agradáveis.

A partir dessa compreensão do caminhar como prática urbana possibilitada pela estruturação do espaço, passa-se, então, para uma dimensão mais subjetiva e ancestral dessa ação. Em consonância com Isabel Gasparino, compreende-se aqui o caminhar como uma pedagogia

ancestral, entendida como “[...] caminhar, por que caminhar e caminhar prestando atenção não só ao caminho, mas por onde se caminha [...] Naquela caminhada, algo vai nos trazer de retorno, para além da vida que vivemos no momento, e isso é muito individual.” (Gasparino, 2023, p. 151).

Figura 3 - Perspectiva ilustrativa do Eixo-Encruzilhada Fruição contendo as referências conceituais das tranças nagô e da corda trançada



Fonte: Santana (2025).

O caráter expográfico do projeto foi inspirado no projeto *Witness Walls* (Figura 4), desenvolvido pelo arquiteto paisagista afro-americano Walter Hood (Hood Design Studio), que reúne intervenções de arte pública relacionadas ao Movimento pelos Direitos Civis (1954–1964) nos Estados Unidos. Esse referencial destaca acontecimentos e figuras que atuaram na luta pela igualdade racial em Nashville, contribuindo para a continuidade das discussões sobre justiça social e equidade.

Figura 4 - Fotografia do *Witness Walls* em Nashville (Estados Unidos), projeto do arquiteto paisagista afro-americano Walter Hood



Fonte: Hood Design Studio (2025)

Hood e Tada (2020) afirmam que com o passar do tempo, cidades acumulam construções, objetos e marcas de mudanças culturais, revelando camadas históricas. No contexto dos Estados Unidos, transformações urbanas muitas vezes apagam paisagens negras, fazendo com que apenas feitos extraordinários sejam lembrados e o cotidiano seja silencioso. “O reconhecimento de uma parede, de uma rua ou de uma peça de infraestrutura homenageia aqueles que ocuparam um lugar preciso no tempo. Comemorar essas coisas é lembrar delas.” (p.46, tradução nossa). Os autores ainda destacam que, em contextos culturais diversos, a presença de camadas que evidenciam a passagem do tempo é essencial para garantir a inclusão de populações negras nos espaços públicos. Para isso, os ambientes devem ser concebidos de forma estratificada, refletindo as diferentes experiências e vidas que marcaram aquele lugar.

No Eixo-Encruzilhada Fruição, essa abordagem se traduz na incorporação de painéis expositivos distribuídos pelo lote, concebidos com função educativa e voltados à apresentação dos conceitos projetuais e dos temas de territórios negros, ancestralidade, memória negra e etnobotânica. Esses elementos estruturam um percurso que favorece a interação e o aprendizado de maneira acessível. A expografia é complementada por dispositivos que ampliam a narrativa do espaço, criando oportunidades de experimentação e estimulando a curiosidade dos visitantes.

A vegetação definida para o Eixo prioriza espécies nativas e alinhadas à etnobotânica, reforçando a relação entre cultura, memória e natureza. Essa seleção oferece sombra, conforto térmico e diversidade sensorial ao percurso, fortalecendo a conexão ecológica e simbólica com o território. Entre as espécies propostas estão a Espada-de-São-Jorge, o Ipê-amarelo, o Jacarandá, Máscara Africana e a Perpétua-roxa-do-mato, apresentadas com suas características na Figura 5.

Figura 5 - Tabela de espécies escolhidas para o Eixo-Encruzilhada Fruição

Nome popular	Imagem	Nome científico	Categoria	Altura (m)	Origem
Espada de São Jorge		<i>Sansevieria guineensis</i>	Herbácea	0,4 - 0,9	Oeste africano, entre Angola, Nigéria e República Democrática do Congo
Ipê amarelo		<i>Handroanthus albus</i>	Árvore	20-30	Brasil
Jacarandá		<i>Jacaranda mimosifolia</i>	Árvore	10-15	Brasil
Máscara Africana		<i>Alocasia amazonica</i>	Herbácea	0,3 - 0,6	Ásia
Perpétua-roxa-do-mato		<i>Centratherum punctatum</i> Cass	Herbácea	0,3-0,8	Brasil

Fonte: Santana (2025).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do plano urbano-paisagístico para o Bixiga permitiu reconhecer o território como um conjunto de camadas sobrepostas, composto por memórias, práticas e modos de vida que estruturam as experiências urbanas. Ao adotar epistemologias afrodiáspóricas e decoloniais como fundamento metodológico e conceitual, buscou-se compreender a paisagem como arquivo vivo, em que tempos e narrativas coexistem e se transformam mutuamente. Nesse processo, foi possível evidenciar a centralidade das presenças negras na constituição do bairro,

bem como destacar suas contribuições para a produção de espacialidades, redes comunitárias e formas próprias de organização territorial.

As estratégias projetuais apresentadas, com destaque para o Eixo-Encruzilhada Fruição, demonstram que a incorporação da memória negra ao desenho dos espaços livres amplia as possibilidades de leitura, pertencimento e circulação no território. Articulando ancestralidade, fruição e continuidade espacial, o projeto constrói percursos que valorizam a experiência cotidiana e reforçam vínculos com o lugar. A expografia, a vegetação etnobotânica, as pequenas praças e os espaços de encontro evidenciam que a paisagem urbana pode integrar dimensões sociais, simbólicas e ambientais, contribuindo para a criação de ambientes que dialogam com histórias, práticas culturais e modos de habitar.

A partir das análises territoriais e da escuta de agentes locais, compreende-se que a transformação da paisagem urbana depende da articulação entre comunidade, poder público e iniciativa privada. As ações propostas são desenhadas, mas também atuam no campo das sensibilidades e das memórias coletivas, reafirmando que o território é construído continuamente pelos sujeitos que o vivenciam. Assim, o plano urbano-paisagístico se apresenta como parte de um percurso em constante atualização, aberto a novas leituras, parcerias e desdobramentos, logo, não se encerra aqui como solução final e única.

Dessa forma, este artigo evidencia que projetos fundamentados em epistemologias contra-hegemônicas podem contribuir para reinscrever memórias que foram desconsideradas na paisagem contemporânea, propondo caminhos para uma produção urbana comprometida com a pluralidade e com as dinâmicas culturais que constituem a cidade. É possível afirmar que, reconhecendo e materializando essas memórias, o Bixiga se fortalecerá ainda mais como território de encontros, continuidades e reinvenções, no qual passado, presente e futuros possíveis se entrelaçam. O trabalho aqui apresentado, portanto, integra um processo amplo e coletivo, reafirmando a potência da paisagem como meio de construção de vínculos, expressão de identidades territoriais e elaboração de horizontes comuns.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de São Paulo (IFSP) pelo fomento concedido às pesquisas de Iniciação Científica por meio do PIBIFSP. Estendemos também nossos agradecimentos ao GEPRETAS – Grupo de Estudos e Pesquisas das Relações Étnico-Raciais no Território, Arquitetura e Sociedade, do qual faço parte, por ter proporcionado inúmeras reflexões, debates e a ampliação do repertório construído ao longo deste percurso.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019; (tradução Julia Romeu).

HOOD DESIGN STUDIO. **Hood Design Studio**. Disponível em: <https://www.hooddesignstudio.com/>. Acesso em: 05 dez. 2025.

HOOD, Walter; TADA, Grace Mitchell. **Black landscapes matter**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2020.

GASPARINO Isabel Casimira. O reino nas ruas. In: CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Renato (org.). **Terra**: antologia afro-indígena. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023. p. 87-100.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

RODRIGUES, Giselly Barros. **Aberto ao público?** espaços privados de uso público em São Paulo e Nova York. 2018. 346 f. Tese (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

RODRIGUES, Giselly Barros (org.). **Ruas, ritmos e raízes**: territórios negros nas encruzilhadas urbanas de São Paulo. São Paulo: EDIFSP, 2025. Disponível em: <https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/view/154/92/1625>. Acesso em: 15.11.2025.

SANTANA, Beatriz Silva. **Saracura vive**: memórias negras, territórios e paisagens nas encruzilhadas urbanas do Bixiga. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo), Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/144030663/Saracura_vive_mem%C3%B3rias_negras_territ%C3%B3rios_e_paisagens_nas_encruzilhadas_urbanas_do_Bixiga. Acesso em: 01.12.2025.

SANTOS, Antônio Bispo do. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu; PISEAGRAMA, 2023.

VENTURA, Dalia. **‘Tranças da liberdade’**: como penteados ajudaram escravizados em fugas. BBC News, 12 de março de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cnkw9153nl7o>. Acesso em: 01.04.2025.